GRANDES FIGURAS·14
N.º 14 ★ NOVA EDIÇÃO
Grandes Figuras
EM QUADRINHOS
BARÃO DO RIO BRANCO
CHANCELER DA PAZ
(Quadrinização da Obra "Rio Branco", de ALVARO LINS, da Academia Brasileira de Letras)
scan by R. Castelo
www.guiaebal.com

BARÃO DO RIO BRANCO

(JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS JÚNIOR)

Registro Fotográfico

O PAI
Visconde do Rio Branco.

José Maria Júnior
(Juca) aos 5 anos de idade.

Aos 17 anos, com um colega, na Faculdade de Direito de São Paulo.

Aos 21 anos, com um colega, na Faculdade de Direito do Recife.

Aos 22 anos, por ocasião de sua primeira viagem à Europa.

O Barão do Rio Branco, quando Chanceler, cercado por seus colegas do Ministério

Aos 28 anos, quando Deputado pela Província de Mato Grosso. Ao seu lado, o amigo Gusmão Lôbo, companheiro de orientação do jornal "A Nação".

Aos 32 anos, quando era Cônsul em Liverpool.

Aos 44 anos, como membro da Comissão Franco-Brasileira junto à Exposição Internacional de Paris (1889).

Aos 51 anos, em Baden-Baden (Alemanha), junto com os filhos Raul, Clotilde (à direita) e Hortênsia.

Em um grupo de amigos reunidos em Paris, em 1889, e entre os quais aparecem, ainda, Eduardo Prado, Domício da Gama e Ramalho Ortigão.

Ainda aos 53 anos, como Plenipotenciário junto ao Govêrno da Suíça.

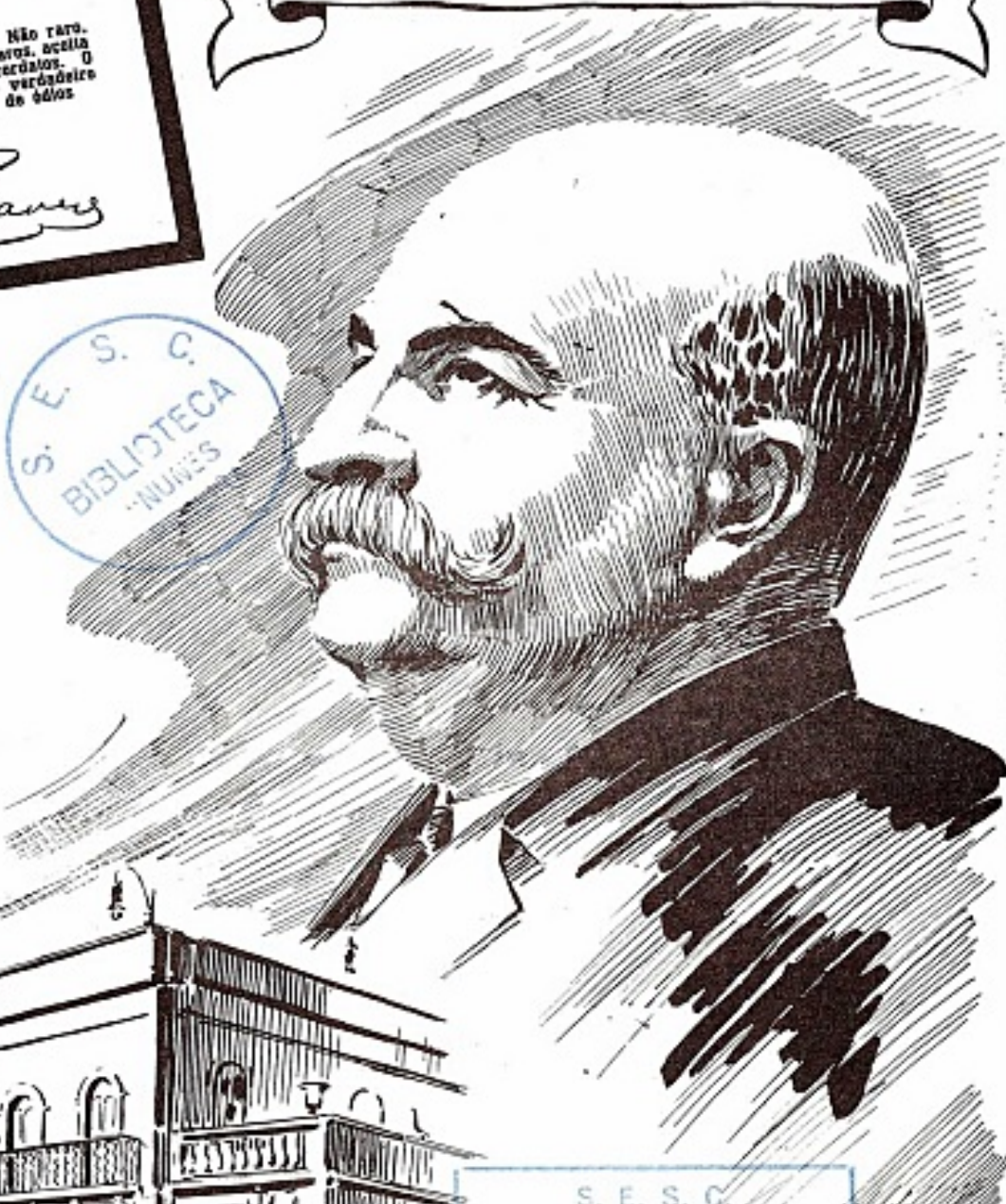
(Mais Fotos na 3.ª Capa)

Rua Gen. Almério de Moura, 302-320
Rio de Janeiro (Gb) — Brasil

BARÃO DO RIO BRANCO

CHANCELER DA PAZ

> A opinião popular se transvia, muitas vêzes. Não raro, um vento de insânia, despertando instintos bárbaros, açoita e abala os povos, mesmo os mais cultos e cordatos. O dever do estadista, e de todos os homens de verdadeiro senso político, é combater as propagandas de ódios e rivalidades internacionais.
>
> Rio Branco

José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, foi o reorganizador da diplomacia brasileira depois da proclamação da República. Grande estudioso da História Pátria, pelo saber e habilidade, conseguiu para o Brasil brilhantes vitórias diplomáticas. Integrou ao território nacional — sem guerra e sem sangue — três Provincias representando novecentos mil quilômetros quadrados. Sua memória merece da Pátria respeito e gratidão.

Quadrinização do Livro "Rio Branco"
de ÁLVARO LINS, da Academia Brasileira de Letras

Coordenação do Texto de
NAIR MIRANDA

Desenhos de Capa e Texto de
RAMÓN LLAMPAYAS

A casa ainda hoje existe, com uma placa comemorativa afixada em 1909. A Travessa do Senado, antigamente com outras denominações, é a atual Rua 20 de abril, nome dado em homenagem, exatamente, ao Barão do Rio Branco, nascido a 20 de abril de 1845.

O ano de 1845 foi muito feliz para José Maria da Silva Paranhos e D. Josefa-Emerenciana: nasceu-lhes o primeiro filho; José Maria passou, como Professor, para a Escola Militar e iniciou a sua carreira política, sendo eleito para a Assembléia Legislativa da Província do Rio de Janeiro. Estava-se em um período de estabilidade do Império, e José Maria se sentia venturoso. . .

O nosso primeiro filho! Que confiança íntima, que sensação de segurança experimento!

Por uma curiosa coincidência, o primogênito do Imperador D. Pedro II também nasceu nesse ano. O chefe de Estado e aquêle que seria o seu grande Ministro sentiam a mesma segurança de si mesmo, essa fôrça interior de determinação em face do destino, que o homem experimenta com o nascimento do primeiro filho.

Eu também me sinto feliz! Prevejo que tudo nos há de ser propício, de agora em diante!

Reclinado sôbre o berço do menino, que recebeu o mesmo nome do pai, José Paranhos passava longos momentos contemplando-o. . .

Meu filho! . . . Vai ter o meu nome!

Enquanto isso, no Paço, o Imperador, reservado, tímido, silencioso, estudava o ambiente, as fôrças políticas, concentrava os seus pensamentos e planos, e fazia uma espécie de diagrama das figuras, partidos e grupos, para exercer todos os poderes do seu cargo; na Travessa do Senado José Maria levantava também o diagrama dos seus elementos, possibilidades e ambições. E, de manhã, ao sair para o trabalho, ia refletindo. . .

Decorreram alguns anos. O filho de José Maria Paranhos, muito esperto e inteligente, já se iniciara nas línguas portuguêsa, francesa e inglêsa, tendo como mestre o pai, que lhe acompanhava os estudos no colégio. E já o menino revelava excepcionais pendores para o estudo da História e — como conseqüência e extensão do de História — da Geografia. . .

Quanto à educação social, o menino tinha no ambiente de seu lar a convivência com ilustres personalidades que freqüentemente visitavam os seus pais. E, mais tarde, no salão dos futuros Viscondes do Rio Branco, Juca Paranhos adquirira o gôsto da elegância, a polidez, as boas maneiras, o encanto da conversa, a graça diante das senhoras, tôda uma formação mundana e social que, anos depois, no Itamarati, faria dêle como que uma figura ressurgida do Império no meio dos costumes mais populares e democráticos da República. Os salões brasileiros influíam na vida política pelo ambiente de cortesia, sociabilidade, espírito e boas maneiras que nêles se criavam. Um Cotegipe, com o seu humor, brilhava ao mesmo tempo no Parlamento e nos saraus de São Clemente ou de Senador Vergueiro. Dos salões se ocuparam nos jornais, Machado de Assis, José de Alencar, Otaviano, Paranhos — o que mostra que êles impressionavam os espíritos.

Desde menino, Juca Paranhos pôde ver de perto os grandes do Império, as celebridades do momento, as glórias da época, generais, almirantes, ministros. O grande acontecimento de sua meninice, porém, seria a primeira viagem ao Rio da Prata, aos 7 anos de idade. Embarcou no paquete "Prince", em companhia da mãe e das irmãs Luísa e Amélia...

A partida foi a 22 de novembro de 1852. José Maria Paranhos, que se achava no desempenho de importante missão oficial no Uruguai, como Ministro-residente, mandara buscar a família. Longe estava Juca Paranhos de imaginar, ao chegar lá, o cenário onde posteriormente influiria como advogado do Brasil e Ministro, alcançando grandes triunfos diplomáticos.

De volta do Rio da Prata, com um nome tornado nacional através de tantos sucessos, iria Paranhos iniciar a sua carreira de homem de govêrno como ministro da "Conciliação". Tinha apenas 34 anos, mas era conhecida a sua competência para os Ministérios da Marinha, da Guerra, da Fazenda ou para o das Relações Exteriores. Todos os amigos o cumprimentavam...

Não lhe era mais possível acompanhar de muito perto a educação do filho. É ao cunhado, Bernardo Figueiredo de Faria, que êle entrega a tarefa de completar em casa a educação de Juca Paranhos, que aos dez anos ingressa, finalmente, no Colégio Pedro II. Matriculado como meio-pensionista em 1856, ao terminar o ano mostrava ter aproveitado bem as aulas...

Aos 16 anos, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. A turma de que fazia parte era numerosa e constituída de vários rapazes fortes, e deve ter sido difícil aos veteranos fazê-lo recitar os versinhos que iniciavam os calouros na vida acadêmica...

Ali, em São Paulo, Juca Paranhos foi morar em uma "república" instalada na Rua do Riachuelo; depois mudou-se para a Rua do Meio (Rua Rodrigo Silva); as "repúblicas" formavam-se em geral de grupos de três, cinco ou seis estudantes, que alugavam casa de 30 a 50 mil-réis por mês. Juca se integrou logo na comunidade acadêmica, nos seus hábitos, trabalhos e prazeres. Os estudantes precisavam criar as suas próprias diversões na então pacata e melancólica cidade provinciana...

O tempo, porém, não se consumia todo nas distrações; êle continuava a existir e a prolongar-se para gerar o tédio ou o trabalho. Era o tédio, por exemplo, que êle gerava em Álvares de Azevedo, poeta da geração anterior. Mas Juca Paranhos não era poeta, e aproveitava o silêncio da cidade provinciana para o trabalho e o estudo...

É exata a distinção entre o Direito e a Moral? Vejamos: a teoria dos deveres internos pertence à parte da Filosofia que se chama Moral; a dos externos forma o que se chama de Direito. A Moral considera o motivo pelo qual uma ação é praticada. O Direito considera a ação em si mesma.

Desde cedo interessara-se por pesquisas históricas, e, juntamente com alguns colegas da Faculdade de Direito, fundara o "Instituto Científico", do qual era 2.º Secretário...

O nosso empenho é mostrar à luz da evidência — servindo-nos de documentos inéditos — que houve na Guerra do Paraguai muito feito glorioso digno de figurar em lugar distinto nos fastos militares da nossa terra...

Dos lentes de então, guardou sempre a lembrança especial das aulas e da figura de José Bonifácio, o Moço, Professor de Direito Civil no terceiro ano. E não só a Juca Paranhos o vulto de José Bonifácio impressionava, pois era o ídolo dos estudantes...

Já no quinto ano do curso, em 1866, Juca Paranhos se transferiria para a Academia de Direito do Recife, onde o ensino se fazia, como em São Paulo, em moldes quase exclusivamente jurídicos e literários. A mentalidade dominante apresentava aquêle estado môrno de estagnação que caracteriza a véspera dos grandes acontecimentos revolucionários. Os estudantes mais avançados falavam em certos pensadores com novas idéias...

Dêsse ano de 1866 é o rompimento espetaculoso, com os duelos poéticos, entre os condores Castro Alves e Tobias Barreto. E foi nas férias dêsse mesmo ano que Castro Alves escreveu o drama "Gonzaga". Juca Paranhos se mostra indiferente, ou ao menos não toma parte nessas agitações literárias, pois não sente pela literatura nenhuma inclinação especial, concluindo os estudos e recebendo o grau de bacharel no dia 21 de novembro de 1866. Ao sair do Recife, levaria ainda um rico presente da sorte...

Nos tempos acadêmicos iniciara êle o seu principal sistema educativo, o sistema que nêle explicaria a formação da personalidade: o domínio de si mesmo pela vontade. Disciplina sôbre si mesmo e comando da vontade sôbre tôdas as faculdades. Ainda estudante, como defesa contra o prazer do confôrto, costumava dormir no chão uma vez por semana, usando como travesseiro um maciço volume de Direito...

...e fazia rigorosos jejuns nos quais só bebia água, às vêzes café.

Em fins de 1864, o Conselheiro José Maria da Silva Paranhos seguiu em missão diplomática para o Uruguai, a fim de substituir a "Missão Saraiva"...

E nessa ocasião êle provàvelmente já podia prever o que mais tarde afirmaria: "Sempre professei que a política externa não deve estar sujeita à política interna. Mas antevejo que esta política prepara-me sérios aborrecimentos".

Já se iniciara a guerra com o Paraguai, e o Conselheiro Paranhos imediatamente viu o perigo que havia em se converter o Uruguai num inimigo do Brasil. Ao entrar em contacto com os diplomatas amigos...

José Maria da Silva Paranhos teve o seu ponto-de-vista vitorioso, e assinou a Convenção de 20 de fevereiro, pela qual o Brasil desistia do bombardeio de Montevidéu. Foi-lhe oferecido um banquete, em que êle deveria levantar um brinde à Imperatriz. E, quando ia fazê-lo...

O Govêrno imperial resolvera dispensar da Missão Diplomática que lhe estava confiada o Conselheiro Paranhos. O acôrdo celebrado não atendera tanto quanto devia às considerações anteriores...

Seu discurso durou oito horas e trouxe-lhe completo triunfo parlamentar. A opinião pública, esclarecida, deu-lhe integral apoio. Pai e filho se abraçaram, comovidos...

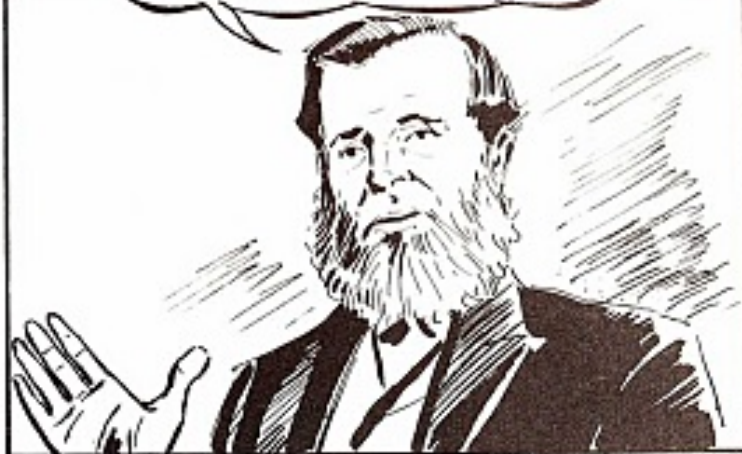
Juca Paranhos, com o dinheiro ganho na loteria no Recife, empreendeu uma viagem à Europa. O seu interêsse histórico o levou a Portugal... E foi com profunda emoção que êle contemplou as primeiras paisagens da costa portuguêsa...

De lá seguiu para Paris — em pleno esplendor da época de Napoleão III — já então considerada a "cidade-luz"...

Nesse ano de 1867, realizava-se a Grande Exposição Universal, atraindo a Paris o Czar da Rússia, o Rei da Prússia, e inúmeras outras personalidades da nobreza de tôdas as partes do mundo. O jovem brasileiro ficou extasiado...

Visitou também a Alemanha, detendo-se em Munique, na época o centro mais adiantado do país...

Após seu regresso ao Brasil, Paranhos Júnior foi admitido no Instituto Histórico. Apresentou como título o "Esbôço Biográfico do General José de Abreu, Barão do Sêrro Largo", sendo relator dêsse trabalho Perdigão Malheiros..

. . . e nas quais tão grande parte coube ao Barão do Sêrro Largo, nem é uma simples narração, nem a reprodução irrefletida do que a tal respeito já se acha publicado. A investigação histórica e a crítica presidiram a êsse trabalho, onde se tiram a limpo alguns pontos duvidosos e outros mal apreciados ou não investigados . . .

Paranhos Júnior foi empossado na sessão de 22 de maio de 1868, à qual assistia, como era de seu costume, o Imperador D. Pedro II. O Secretário do Instituto, Cônego Fernandes Pinheiro, fêz a leitura de alguns trechos da obra do jovem historiador . . .

"Para os acontecimentos do passado, só há esquecimento e indiferença da parte de quase todos, e até escárnio ao número dos indiferentes, ou dêsses espíritos fortes; e é por isso que tentamos hoje esboçar rápidamente a biografia de um brasileiro ilustre, que consagrou sua vida inteira ao serviço da terra que o viu nascer, dando no decurso dela as mais raras provas de amor e dedicação à Pátria!"

No mesmo ano, a 23 de abril, o jovem historiador fôra nomeado interinamente para a cadeira de História e Corografia do Brasil do Colégio Pedro II, mas largou o cargo após 3 meses, para assumir a promotoria de Nova Friburgo. Lá também não se demorou . . .

Caira o Gabinete liberal do Conselheiro Zacarias e com a elevação ao poder dos conservadores, era o Conselheiro Paranhos apontado como líder eventual. Juca Paranhos, pela influência do pai, viu-se eleito Deputado à Câmara na legislatura de 1869 . . .

Senhor Paranhos, dei-lhe, em Pernambuco, o seu diploma de bacharel . . . Tenho agora o prazer de recebê-lo, na minha presidência, aqui na Câmara dos Deputados.

Muito prazer em cumprimentá-lo, Senhor Visconde de Camaragibe . . .

O jovem Deputado, eleito por Mato-Grosso, teve logo oportunidade de defender os interêsses dêsse Estado numa questão de limites com o de Goiás . . .

É interessante notar que nesse importante debate em que pràticamente estreou no Parlamento o futuro Barão do Rio Branco, tratava-se de uma questão de fronteiras, assunto no qual mais tarde poria em jôgo, a serviço da Pátria, todos os seus conhecimentos. O tema já o fascinava...
Para a demarcação de fronteiras é necessário investigarem-se os documentos apresentados pelos países limítrofes...

Em fins de 1870, o Conselheiro Paranhos chamou seu filho à sua presença...
Juca, vou seguir para o Rio da Prata, em missão especial para o ajuste da paz com o Paraguai, a ser assinado em Assunção. Queres ir comigo, como meu secretário?
Com muita satisfação, meu pai! O senhor sabe da minha vontade de seguir a carreira consular! Essa viagem será para mim uma credencial e um aprendizado para a carreira diplomática...

Em comêço de 1871, foi o Visconde do Rio Branco chamado ao Rio, para organizar o Gabinete conservador. Ajudou-o seu filho em suas tarefas ministeriais, quer na imprensa, em artigos sem assinatura, quer na Câmara dos Deputados. Os dois trabalhavam em perfeita harmonia...
... e deves redigir o relatório dentro da argumentação que te indiquei.
Sim, meu pai.

A Assembléia discutia no momento a lei do "ventre-livre", promulgada a 28 de setembro de 1871, e que proclamava livre tôda criança nascida de mãe escrava. Joaquim Nabuco se expressou a respeito dessa batalha política...
Dentre os que sustentaram o Visconde do Rio Branco, destaca-se seu filho, o Juca Paranhos, que foi um elemento constante de animação, e que ambicionava essa glória para o nome do pai!

O jovem historiador e Deputado escrevia em editorial de "A Nação", a respeito da lei do "ventre-livre"...
Foi a mais importante reforma que se tem realizado no Império, depois do ano em que ao grito do Ipiranga seguiu-se a independência nacional.
Aparecera o primeiro número de "A Nação", a 3 de julho de 1872, para substituir o "Jornal da Tarde". Era o órgão do partido conservador e nêle colaborava assiduamente Juca Paranhos.

Muito satisfeito ficou Juca Paranhos com uma incumbência que lhe deu o Conselheiro Junqueira, Ministro da Guerra no Gabinete de seu pai...

Senhor Paranhos Júnior, peço-lhe anotar a tradução portuguêsa da obra que L. Schneider escreveu sôbre a Guerra do Paraguai, que acompanhou como correspondente oficial da Alemanha.

Senhor Ministro, muito lhe agradeço o convite, pois, apesar de Deputado e de jornalista, à política prefiro as investigações e trabalhos históricos.

As notas de rodapé escritas pelo futuro Barão do Rio Branco sôbre esta luta de titãs que foi a campanha do Paraguai, tornou-se o que de mais completo já se compilou sôbre aquela página de nossa História.

Aquilo que declarou nos comentários da célebre obra, serve de profissão de fé para sua atuação posterior à frente do Itamarati: "Vivemos à larga em nossas fronteiras, e sabemos bem que o que cumpre fazer é conquistar para a civilização as nossas vastas e fertilíssimas florestas. O que desejamos sinceramente é que os nossos vizinhos nos deixem em paz. Território, têmo-lo de sobra."

Juca Paranhos, amigo pessoal de Caxias e Osório, a êles recorreu muitas vêzes para o esclarecimento de dúvidas a respeito de feitos guerreiros de várias épocas. E, era logo atendido...

Meu Juca, aí vai escrito o que me recordo do que se passou no acampamento do Sêrro Grande de Montevidéu, no dia 9 de fevereiro de 1826, e onde me achava.

Devia ser grande o seu prestígio na vida mundana e social: elegante, belo, jovem Deputado, redator de uma fôlha diária, filho do Presidente do Conselho. Constantemente, ao lado da do Visconde, aparecia a sua caricatura nas publicações ilustradas. E o seu círculo de amizades era amplo, ainda que selecionado...

Nos bailes do Cassino Fluminense mostrava-se exímio nas valsas e polcas...

Êle bem sabia tudo o que estava arriscando com a sua decisão sentimental. Pode-se dizer que nesse incidente dramático fêz a sua prova de homem, e não houve, em tôda a sua existência, outro ato que moralmente lhe seja superior. Não realizou logo o casamento, mas permaneceu fiel ao compromisso íntimo. Por influência do Visconde, Marie Stevens voltou para a Europa. De lá escreveu ao seu amado, que teve uma reação imediata e sem vacilação: promoveu-lhe o regresso ao Brasil.

O Visconde deixava o poder sem crise, sem desprestígio. O novo Gabinete foi formado com amigos pessoais seus: o Duque de Caxias, na Presidência, e o Barão de Cotegipe como principal figura política. Até então, a vida de Juca Paranhos estivera ligada à do pai; chegava agora o momento de se tornar independente. Em novembro de 1875, êle e Gusmão Lôbo entregam o jornal "A Nação" ao Padre João Manuel...

Juca Paranhos não podia, além disso, permanecer no Brasil; a sua situação social criava-lhe embaraços invencíveis. Assim, volve ao seu antigo projeto de um Consulado ou pôsto diplomático no estrangeiro. Seria a solução mais conforme com o seu desejo de recolhimento, de isolamento propício aos estudos históricos. Achava-se vago o Consulado brasileiro em Liverpool. Desde logo Caxias e Cotegipe fizeram dêle o candidato do Gabinete. Dificuldade única seria vencer a resistência do Imperador...

Mais tarde, estando na Regência a Princesa Isabel, levou-lhe Cotegipe uma exposição de motivos pleiteando a nomeação do "bacharel formado José Maria da Silva Paranhos, Deputado por duas legislaturas, ex-Secretário da Missão Especial ao Rio da Prata". E Cotegipe argumentava...

Ao levar a proposta, Cotegipe, com autorização de Caxias, estava decidido a jogar nela a sorte de todo o Gabinete e da própria situação conservadora. De manhã, em casa, êle dissera aos íntimos, com arrebatamento...

Se a recusa da Coroa humilhara Juca Paranhos, êle devia, por outro lado, sentir-se satisfeito ao ver que um Gabinete como o de Caxias-Cotegipe estava disposto a ir até à demissão por sua causa. Bem se pode imaginar um encontro dos três, depois da nomeação...

A sede do Consulado-Geral entregue a Paranhos, Liverpool, era antes uma cidade pobre, embora muito velha (o nome, Liverpul, originàriamente, datava de 1190). Até 1820, a sua importância era medíocre; em 1880 encontrava-se elevada à categoria de o maior pôrto do mundo. Tornara-se um grande centro comercial para a Inglaterra e principal ponto de comunicação com as Américas. Seu pôrto recebia navios de tôdas as partes do mundo...

E isso se deu porque a Inglaterra se tornara verdadeiramente rica, o principal país industrial. A indústria têxtil era então a mais importante do mundo, e nela os inglêses eram dominadores. De modo particular, na indústria do algodão; os campos algodoeiros dos Estados Unidos, do Brasil, do Egito, das Índias floresciam e produziam para as bobinas de Manchester...

Ficava Liverpool às portas de dois grandes centros de civilização, distando apenas quinze horas de Paris e só cinco horas de Londres...

Não era numeroso o pessoal do Consulado: um Vice-Cônsul, um Chanceler, um Vice-Chanceler, um escrevente, um encarregado de apontamentos, cabendo a maior parte do trabalho, realmente, ao Cônsul-Geral. Logo ao chegar, José Maria Paranhos teve a preocupação de pôr em ordem os serviços do Consulado...

Senhores, precisamos providenciar a aquisição de mobília, de livros de registro indicados pelo regulamento consular, de completar a coleção dos relatórios do Ministério, de uma coleção de leis, e da coleção do "Diário Oficial". Tudo isso nos está faltando!

Nosso trabalho não é pequeno, pois sei que saem de Liverpool, em média, cêrca de cento e cinqüenta navios para o Brasil. Quase todos para o Rio, Belém do Pará, Recife e Santos. E outros tantos navios vêm de lá para cá! Quero o expediente em dia, e conto com a boa vontade dos senhores.

Tendo organizado uma pequena biblioteca especializada, Juca Paranhos veio a conhecer tão amplamente as leis e regulamentos da Secretaria dos Negócios Estrangeiros que de todos os pontos da Europa lhe chegavam consultas de brasileiros em serviço diplomático ou consular. Mas nem sempre podia contar com a diligência e a boa vontade dos Vice-Cônsules...

Vexavam-no algumas reclamações recebidas dos importadores de algodão, que encontravam, entre os fardos, pesadas pedras para aumentar-lhes o pêso...

Alguns exportadores inescrupulosos põem a perder o bom nome do Brasil no conceito internacional...

Com o café sucedia mais ou menos a mesma coisa, pois que ao produto brasileiro alguns comerciantes inescrupulosos misturavam as mais estranhas substâncias, com a finalidade de obter mais lucro no pêso. Do inquérito que Paranhos fêz entre corretores de Londres e de Liverpool, obteve resultado lastimável...

O Cônsul consultou a outras pessoas entendidas no assunto. As reclamações pouco diferiam umas das outras...

O relatório sôbre o café na Inglaterra e o relatório sôbre navegação e comércio entre o Brasil e Liverpool são os dois principais documentos da atividade consular de Paranhos Júnior...

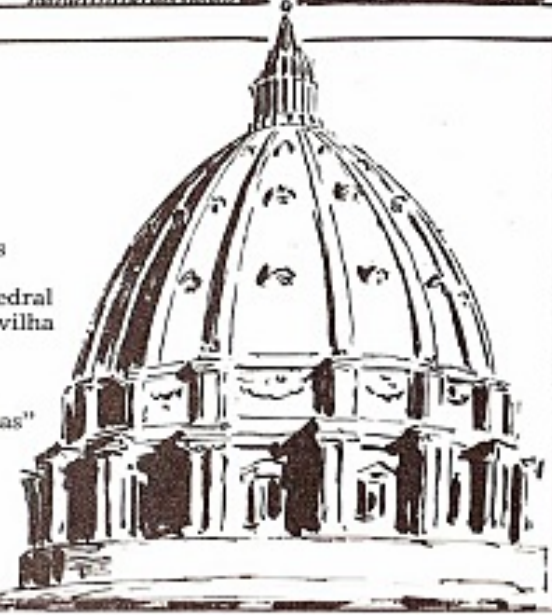
Não havia de atrair atenção especial em Liverpool aquêle Cônsul de um país americano que costumava passear nas ruas, sòzinho, em passos lentos e com um ar de grande dignidade...

Êle não tinha feito nada de extraordinário, e ninguém conhecia os seus projetos. Uma vida silenciosa — com exceção de um ou outro acontecimento — seria a do Cônsul brasileiro durante os quase vinte anos que passou entre os trabalhos de rotina em Liverpool e os estudos históricos em Paris.

Deve-se frisar que o aprendizado no estrangeiro — o conjunto das influências inglêsas, francesas e alemãs — em nada lhe desfigurou a personalidade de homem e a fisionomia de brasileiro. Isto indica a medida de suas fôrças íntimas, da solidez de sua personalidade: a ausência do Brasil, durante quase trinta anos, não teria sôbre êle nenhum efeito descaracterizador...

Além das suas viagens tantas vêzes repetidas entre Liverpool e Paris, Juca Paranhos teve ocasião de visitar e conhecer outros países, como sucedeu em 1879 ao acompanhar o pai pela Itália. Era a primeira viagem que o Visconde do Rio Branco, quase aos sessenta anos de idade, fazia à Europa... O Visconde modestamente afirmava estar com o propósito de ampliar os seus conhecimentos gerais "e completar a sua educação política". E, passeando com Juca, assim que chegou...

Mas não pode o Visconde se sentir de todo feliz nessa viagem tão desejada, principalmente devido a grave moléstia cujos primeiros sintomas lhe haviam aparecido em Lisboa. Contudo, não interrompe o programa de viagem: em Londres, assistiu a uma sessão do Parlamento...

Em Paris, estêve presente à ruidosa festa que o General Mac-Mahon oferecia em honra dos visitantes da Exposição...

...onde se ajoelhou ante o túmulo do Príncipe dos Apóstolos...

Finalmente o velho Visconde teve de regressar ao Brasil, onde foi acolhido com extraordinária manifestação popular. Mas, com o decorrer dos dias, a moléstia que o atormentava mais grave se ia tornando. Ainda em 1880, depois de se ter, pouco a pouco, afastado das atividades políticas, êle escrevia ao filho...

Em setembro do mesmo ano, Gusmão Lôbo telegrafava a Juca Paranhos: "Venha já". Juca Paranhos compreendeu e embarcou, chegando a tempo, ainda, de assistir aos derradeiros momentos do pai, ocorridos a 1.º de novembro... Então...

Sei que pouco de vida me resta... Mas tenho certeza de que soube cumprir com o meu dever.

Em 1883 Juca Paranhos viajou novamente ao Rio de Janeiro, a fim de acompanhar a genitôra, a qual aceitara, finalmente, a sua sugestão de ir residir com êle na Europa...

Durante a sua estada no Rio, em 1883, recebeu Paranhos Júnior o convite para ser o Delegado do Brasil na Exposição de São Petersburgo, em 1884, onde se pretendia fazer grande propaganda do café brasileiro.

Paranhos Júnior foi no duplo caráter de Delegado do Govêrno imperial e Presidente da comissão do Centro da Lavoura e do Comércio.

Andava o Brasil, nesse tempo, com o propósito de estabelecer relações comerciais mais diretas com a Rússia, sobretudo porque o nosso café lá entrava com outro nome e encarecido com a reexportação. Por isso mesmo o trabalho principal de Paranhos se concentrou na propaganda. Êle tinha, aliás, o instinto da publicidade, publicando artigos a respeito do Brasil em vários jornais europeus. Em São Petersburgo, no pavilhão do Brasil, aristocratas e populares compareciam todos os dias.

Depois da visita do Czar e da Czarina, acompanhados do Grão-Duques e Grã-Duquesas (recebidos por Paranhos) o pavilhão brasileiro do café ficou sendo o grande acontecimento, um centro visitado pelas damas da alta sociedade. Tôda essa aristocracia elegante encontrava em Juca Paranhos o homem de salão, o mundano de boas maneiras e agradável conversação que lhes falava do Brasil...

Esta é a bebida nacional de meu país, onde o clima é sempre uma permanente primavera!

Procurado por um General russo, que lhe fôra pedir uma pequena distribuição de café no Asilo dos Inválidos, o representante do Brasil promoveu o oferecimento de 20 sacas do produto. E nada mesquinho se apresentava o pavilhão brasileiro: dia e noite xícaras de café eram oferecidas aos visitantes, cêrca de vinte mil por dia. Um cronista mundano comentava...

De 1876 a 1901 — com exceção da estada nos Estados Unidos e na Suíça como advogado do Brasil — Juca Paranhos residiu em Paris. Em 1877 fêz uma tentativa para se fixar com a família em Liverpool, mas a ausência de um desejado ambiente intelectual o levou a mudar de idéia. Com o passar dos anos, foi demorando cada vez mais em Paris e cada vez menos em Liverpool...

Quase tôdas as tardes, quando em Paris, lá estava êle na "Livraria Chadenat", em busca de velhos livros acêrca do Brasil...
Não consegui ainda a "Memória" de Mitra sôbre a passagem de Humaitá! Meu pai já recorrera ao próprio Imperador, por intermédio do Barão do Bom Retiro!
Também não sei onde encontrar o documento de que me fala, Senhor Cônsul.

Encontrava êle na França, como em tôda a Europa, um ambiente propício aos estudos históricos...
Depois de preparar uma "História Militar e Diplomática do Brasil", tratarei de nossa História Militar e Diplomática no Rio da Prata desde a fundação da Colônia até à separação da Província Cisplatina em 1828!

Freqüentavam-lhe a casa os maiores expoentes da intelectualidade brasileira e portuguêsa da época, destacando-se entre os demais Eduardo Prado de Queiroz...
O escopo dessas minhas longas investigações é escrever a história do Brasil através dos seus feitos militares!

Certa vez, após uma dessas visitas, Eduardo Prado comentou o assunto com Eça de Queiroz...
Meu caro Eça, o que Paranhos sabe do Brasil é uma coisa vertiginosa! Leu tudo quanto há impresso, copiou, ou fêz copiar, todos os manuscritos, fêz dêles extratos, distribuiu êsses extratos, em forma de notas, pelas páginas de todos os livros que tratam do Brasil! Retificou, esclareceu, corrigiu, explicou, emendou e ampliou todos êsses livros!

A 30 de maio de 1888, foi Paranhos contemplado com o título de Barão do Rio Branco, honraria que êle agradeceu em carta ao Conselheiro João Alfredo...
Nunca esperei poder usar um dia o título que meu Pai ilustrou. No ato que assim me veio distinguir e honrar, terão os nossos concidadãos visto, não uma mercê pessoal, que por qualquer motivo eu houvesse merecido, mas uma tocante homenagem ao Presidente do Conselho de 1871!

Em 1889, realizou-se em Paris a Grande Exposição Internacional, cujo "Comité Franco-Brésilien" encomendou a Rio Branco uma síntese da História do Brasil. Foi realizado êsse trabalho de condensação de nosso passado num estilo rigorosamente sóbrio e exato. O minucioso relato sôbre as origens e o progresso do rico país da América do Sul teve extraordinária repercussão entre os visitantes cultos do importante certame...

O ano de 1889 foi de excepcional atividade intelectual para o Barão do Rio Branco: os trabalhos do volume "Le Brésil", separata da "Grande Encyclopédie"; a síntese da História do Brasil, a publicação do "Comité Franco-Brésilien" da Exposição; a biografia de D. Pedro II, que apareceria assinada por Benjamin Mossé. Certo dia foi procurado por Levasseur, Coordenador da "Grande Enciclopédie"...
Monsieur de Rio Branco, já tenho uma redação de quinze páginas sôbre o seu país. E desejaria ter a sua colaboração. Vim convidá-lo...
Aceito o convite. Não quero remuneração, contanto que eu possa escrever livremente sôbre o assunto.
Rio Branco, em sete ou oito revisões sôbre o texto de Levasseur, fêz tais acréscimos que a parte do Brasil ficou com cinqüenta e uma páginas, quando a da Bélgica tinha apenas vinte. Pode-se dizer, portanto, que quando a "Grande Encyclopédie" surgiu, a parte referente ao Brasil era tôda de Rio Branco...

O próprio Imperador D. Pedro II, entusiasmado com o trabalho, colaborou com algumas sugestões e escreveu um estudo sôbre a língua tupi...
Êste tópico entrará no artigo "La Langue et la Littérature", de autoria de Eduardo Prado e revisto pelo Barão do Rio Branco para a "Grande Encyclopédie".

Rio Branco escreveu a D. Pedro...
Tenho estado muito sobrecarregado de trabalho, pois preciso acudir à correção de provas que me chegam de diferentes lados.

Surgiram então, no Brasil, os primeiros comentários sôbre a obra de Rio Branco como historiador. Ruy Barbosa, no "Diário de Notícias", consagrou o seu artigo de fundo à parte brasileira da "Grande Encyclopédie"...
A parte visível do Barão do Rio Branco, nesse trabalho coletivo, é, pois, quase igual à do conceituado polígrafo, cuja sombra o apadrinha no frontispício do volume. Prestação, porém, não menos considerável do que essa é a com que concorreu o nosso laborioso compatriota na lucubração geral dessa monografia, onde o seu espírito presidiu constantemente à tarefa aquinhoada dos escritores estrangeiros, cuja ciência cooperou nesta brilhante homenagem ao Brasil.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
Abre-se a segunda parte com um capítulo sôbre a nossa História desde o descobrimento do Brasil até 1888, firmado pelo Barão do Rio Branco. É, sem dúvida nenhuma, a seção mais importante desta monografia.

Enquanto isso, o Barão do Rio Branco prosseguia trabalhando. Tudo indica que êle se sentia feliz e tranqüilo nessa época. Conservava, de modo geral, uma saúde incomum, que resistia aos seus hábitos desordenados, devido aos trabalhos penosos e fora de horas. Do seu amigo e médico Hilário de Gouveia ouviu certa vez...

Até aos 45 anos não começara a engordar, conservando-se esbelto e ágil, praticando o esporte da esgrima com razoável segurança...

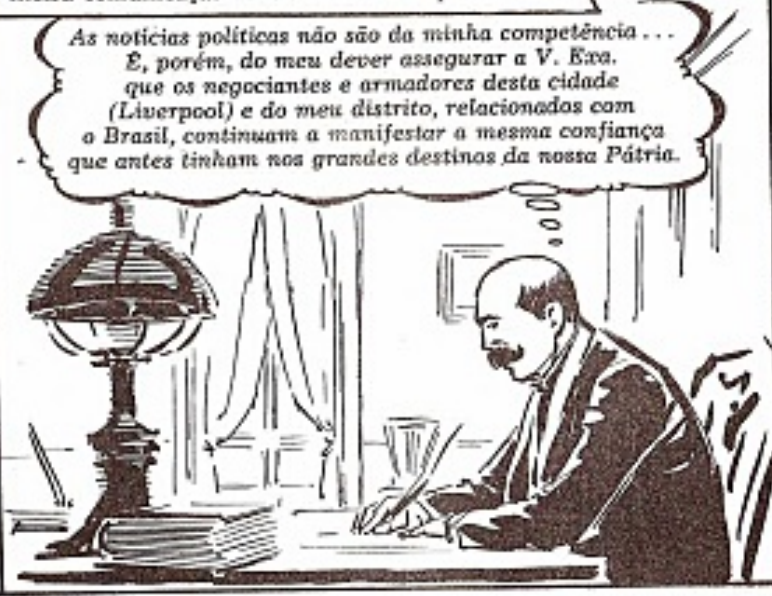
Havia, na sua figura, mais do que beleza, elegância e distinção aristocrática. Vivia quase sempre em casa, fechado no gabinete. Residiu na Avenida Malakoff, em seguida na Rua Gay Lussac, depois na Rua Rennes e, por fim, em Auteuil. Devotado aos filhos, levava-os ao Louvre, a Fontainebleau, a Versalhes, dando-lhes lições de História. Uma tarde, em 1885, foi mostrar ao filho Raul o catafalco elevado a Victor Hugo, no Arco de Triunfo...

Em fins de 1889, foi dolorosamente surpreendido pela proclamação da República no Brasil...

E desabafou com Eduardo Prado, outro monarquista ardente...

E foi nas mãos do Imperador que resolveu, enfim, colocar o direito de definir e determinar a sua atitude. De D. Pedro II, que estava em Cannes, recebeu no dia 8 de dezembro um telegrama...

A 14 de dezembro de 1889, enviava o Barão do Rio Branco sua primeira comunicação ao Govêrno da República...

E a Ruy Barbosa, Ministro da Fazenda, organizador e legislador do novo regime, escrevia nos seguintes têrmos...

Fortificou-se ainda mais, durante os anos que se seguiram à proclamação da República, a amizade que unia Rio Branco a Joaquim Nabuco. No seu retiro de Paquetá, Nabuco recebia as missivas encorajadoras do amigo...

Ao Imperador no exílio não faltaram nunca a presença, a assistência, o carinho de Rio Branco. Visitava-o ou lhe escrevia afetuosamente em certos dias outrora festivos nos anais do Segundo Reinado. A 13 de maio de 1891, de manhã, êle enviou flôres à Princesa Isabel. Depois, foi visitar o Imperador e a filha em Versalhes. Naquela sala triste, leu para os dois ouvintes imperiais um manifesto de Joaquim Nabuco sôbre o 13 de maio.

D. Pedro, comovido, tomou o ramalhete que estava em cima da mesa e o entregou a D. Isabel, abraçando-a e beijando-a...

A 9 de setembro de 1890, falece a Viscondessa do Rio Branco, após cruel enfermidade...

Meu caro Nabuco, tenho que dispersar tôdas as lembranças do passado, tudo que me fazia considerar aquêles aposentos de minha mãe como um prolongamento da casa de meu pai...

O Barão já havia sido distinguido pelo Govêrno da República, que o designara para a missão diplomática na Itália; e, mais tarde, fôra nomeado Superintendente do Serviço de Imigração, em Paris. A 29 de março de 1893, Sousa Correia, Ministro do Brasil em Londres, recebia do Ministro do Exterior do Brasil, Paulo Sousa, um telegrama pedindo fôsse transmitido ao Barão o convite para importante missão em Washington. O convite foi feito. O Barão Aguiar Andrada é quem se achava até então na Capital norte-americana.

Uma nova fase se abria na sua existência, ao mesmo tempo que se fechava a simplesmente burocrática, que havia começado com a nomeação de 1876. Durante êsses dezessete anos julgara que todos os seus conhecimentos iriam ser utilizados na obra que projetara escrever sôbre a História do Brasil. A missão em Washington, porém, dava-lhe um rumo inesperado. Inicia-se, por fim, a sua carreira de homem de Estado. A partir dêsse momento será a fase da realização. Estaria êle pensando nisso ao iniciar a viagem?

Ia como Ministro Plenipotenciário e 1.º Delegado da Missão Especial em Washington. Tinha que defender os interêsses do Brasil numa questão de limites com a República Argentina. E a 16 de maio de 1893 chegava a Nova York...

...e logo no dia seguinte embarcou para Washington.

Enquanto isso, Estanislau Zeballos, incumbido pelo Govêrno da República Argentina de defender os interêsses de sua Pátria, também chegava a Nova York...

A solução do litígio tinha sido entregue, pelas duas Repúblicas, ao juízo arbitral do Presidente Cleveland, dos Estados Unidos da América do Norte.

A fronteira há de ser constituída pelos rios que o Brasil ou a República Argentina têm designado, e o Árbitro será convidado a pronunciar-se por uma das partes, como julgar justo à vista das razões e dos documentos que produzirem.

Rio Branco instalou-se com seus auxiliares em Nova York, para fugir aos compromissos sociais da Capital Federal...

É tão claro o nosso direito sôbre o território contestado que, para perdermos a causa, seria necessário que não presidisse espírito de justiça ao julgamento!

Durante os meses em que preparou a sua exposição, Rio Branco não se afastou do seu gabinete de trabalho. A não ser a parte técnica de matemática e geodésia, tudo mais foi elaborado por êle próprio...

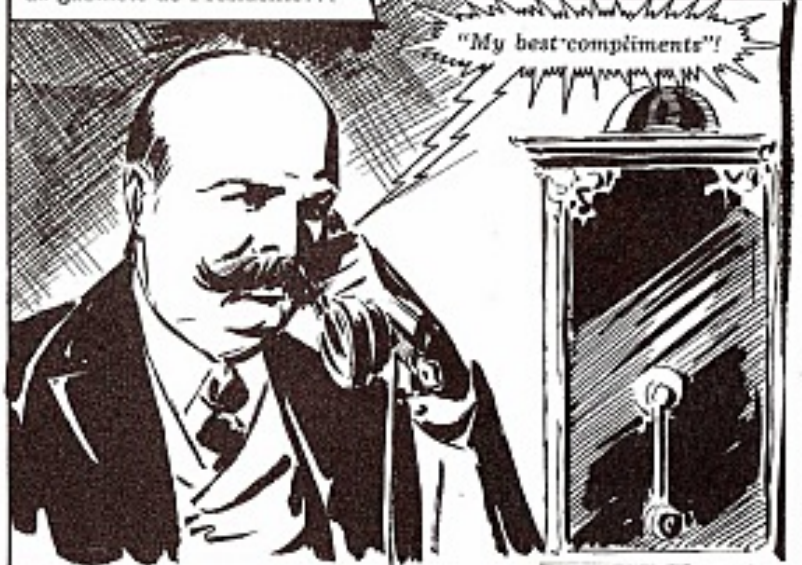
No prazo marcado entregou o seu trabalho ao Presidente Cleveland...

Quem ganhará a questão?

O Senhor Zeballos diverte-se! O Senhor Rio Branco trabalha! Logo saberemos quem há de vencer...

Rio Branco, hospedado no Hotel Arlington, em Washington, aguardou durante meses a sentença do Árbitro. Teve ocasião de conviver com os mais distintos homens públicos norte-americanos (o que lhe seria de grande utilidade, mais tarde, quando Ministro do Exterior do Brasil). Raramente saía um pouco para passear pelos arredores...

Começa então a guerra diplomática entre os plenipotenciários dos dois países em litígio. Zeballos procura criar ambiente favorável ao seu ponto-de-vista por meio de intensa propaganda na imprensa...

Rio Branco, ao contrário, recomendava que tôda a missão brasileira permanecesse em atitude de discrição e se abstivesse de qualquer publicidade. Mas, tanto Zeballos como Rio Branco buscavam simpatias na sociedade e no Govêrno de Washington. Esperava-se a sentença de Cleveland nos princípios de 1895. Nas vésperas, o Barão recebeu pelo telefone o discreto aviso de uma jovem amiga, noiva de um dos auxiliares do gabinete do Presidente...

O dia marcado para a entrega do laudo foi 5 de fevereiro de 1895. Às 2,50 o Barão do Rio Branco chegava à Secretaria de Estado, em companhia do General Dionisio Cerqueira, 2.º Plenipotenciário, e dos Secretários Domício da Gama, Domingos Olympio, Raul do Rio Branco e Oscar Amaral. Na sala de espera já estavam Estanislau Zeballos e o seu Secretário Altwell.

Às 3,05 eram convidados todos pelo Secretário de Estado a entrar no salão diplomático...

Foram recebidos pelo Secretário de Estado Gresham...
Estou encarregado de entregar a cada representante de cada uma das partes um exemplar do laudo do Presidente.

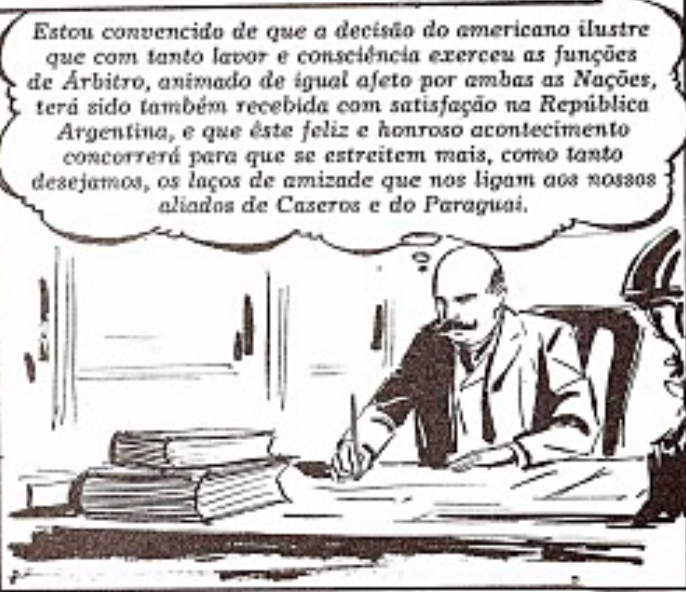
Se desejais, posso fazer proceder à leitura do laudo.
Como representante do Brasil, declaro achar melhor que o leiamos em casa.
Mas, eu, pela República Argentina, acho que será suficiente dizer em favor de qual das duas Nações é o laudo!

Então Gresham acenou para Uhl, e êste declarou solenemente...
"The word is in favour of Brazil"

O advogado argentino e o seu Secretário empalideceram de repente. Caiu sôbre a sala, durante alguns instantes, um silêncio em que todos se mostraram constrangidos. Mas Zeballos retomou logo o domínio de si mesmo, e mostrou-se perfeito em tato diplomático e cavalheirismo. Voltou-se para Rio Branco e cumprimentou-o, apertando-lhe a mão...

A notícia da vitória diplomática do Barão do Rio Branco foi recebida no Brasil com verdadeiro entusiasmo. O Presidente Prudente de Morais, ao ser inteirado do ocorrido, chamou o seu Secretário...

No Rio de Janeiro houve festas e um comício em que o povo manifestou sua satisfação...

Agradecendo as mensagens de congratulações, Rio Branco respondeu de maneira sumamente diplomática...

Ao regressar a Paris, Rio Branco foi convidado pelo Govêrno brasileiro para estudar as nossas questões de limites com as Güianas francesa e inglêsa. Ambas essas possessões européias pretendiam se expandir pela bacia do Rio Amazonas.

A pressão da França fazia-se sentir nas negociações sôbre a questão. O Ministro do Exterior comunicara-se com Rio Branco...

Julgo do meu dever declarar a Vossa Excelência que, se tal hipótese se verificasse, o Brasil se portaria à altura dos acontecimentos e não ficaria isolado em frente da França.

Nesse momento, por certo, o Barão do Rio Branco sentiu o valor da doutrina de Monroe: a América para os americanos.

A arbitragem da pendência foi entregue ao Presidente da Suíça, e Rio Branco foi designado, pela segunda vez, enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciário em missão especial, a 22 de novembro de 1898.
Berna foi o seu destino.

Falecera-lhe a espôsa no princípio dêsse mesmo ano, iniciando Rio Branco essa nova fase de sua vida sem as preocupações familiares, tanto mais livre para dedicar-se inteiramente às atividades diplomáticas. A luta contra a experiência secular da Chancelaria francesa exigiu do Ministro brasileiro tôda a sua argúcia e experiência adquiridas como auxiliar do Ministro do Império que fôra seu pai, e nos vinte anos de estudos realizados por conta própria.

O Govêrno suíço decidiu que o laudo arbitral seria entregue separadamente, em mãos dos plenipotenciários das Nações litigiosas. A 1.º de dezembro de 1900, o Sr. Graffina, Diretor da Secretaria Política e de Negócios Estrangeiros, chegou à Vila Trautheim, onde residia nosso Ministro...

Cumprindo êsse dever oficial, posso declarar que a missão me é fácil e agradável, pois a decisão do laudo é favorável ao Brasil...
Esta notícia alegra-me sumamente, como a todos os brasileiros. Vou me dirigir por escrito ao Govêrno suíço, mas desde já peço a Vossa Excelência que lhe diga quanto estamos reconhecidos aos juízes pelo imenso trabalho que tiveram e pelo grande serviço que prestaram aos dois países amigos, resolvendo esta questão secular.

O regozijo no Brasil foi enorme. Rio Branco tornara-se "o vencedor duas vêzes coroado". Em Londres, um grupo de brasileiros promoveu um banquete em sua homenagem, sendo Joaquim Nabuco o orador...

Dêsse prêmio, poucas foram as sobras...

Dos trezentos contos que recebi, mais da metade foi para o pagamento de dívidas contraídas quando em missão em Washington e Berna...

A estada do Barão do Rio Branco em Berlim veio ampliar ainda mais as observações políticas que iniciara em Londres, São Petersburgo e Paris. Completavam-lhe a visão da diplomacia européia da época, quase que restrita a êsses grandes centros...

O Presidente Rodrigues Alves, logo que assumiu o poder, apercebeu-se do perigo que representava para a soberania nacional a instalação do "Bolivian Syndicate" . . .

Antes de qualquer outro, escolherei o Ministro das Relações Exteriores, e êste há de ser o Barão do Rio Branco, pela sua dedicação à causa pública e pelos provados méritos de estadista.

Recebendo o convite para Ministro do Exterior, Rio Branco reluta em aceitá-lo, por motivos de saúde e para levar avante os seus estudos históricos. Mas ouve Joaquim Nabuco . . .

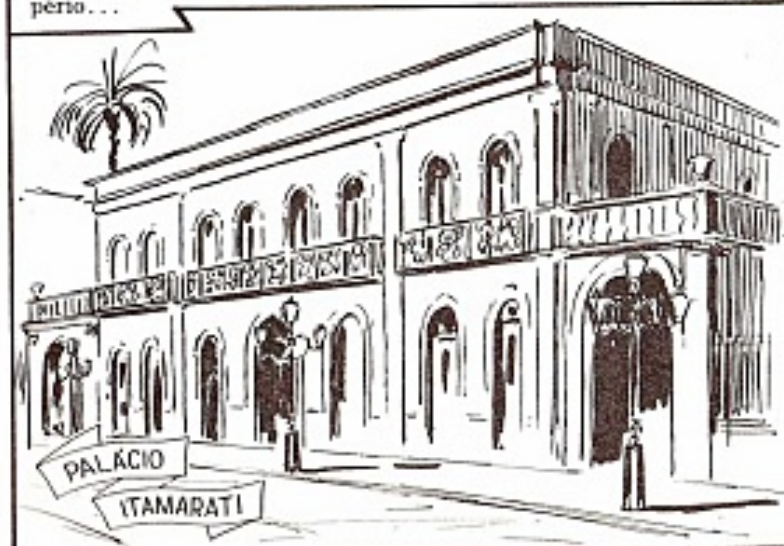
A 1.º de dezembro de 1902, Rio Branco chegava à Pátria, para assumir o Ministério do Exterior, sendo aguardado no cais por uma multidão de 10 mil pessoas.

Após 25 anos de ausência, êle voltava à Pátria e era recebido como um triunfador. Comovia-se com o entusiasmo popular, e apertava-se em seu coração a saudade pelo pai, cuja memória reverenciava o povo, tendo-lhe coberto de flôres a estátua. À multidão que o saudava, o Barão agradecia com acenos . . .

Ao chegar à Rua do Ouvidor, Rio Branco apeou-se e seguiu a pé, no meio do povo . . .

Ao chegar ao Clube Naval, êle pronuncia o seu discurso de agradecimento, o seu primeiro discurso de Ministro...
Obedeci ao apêlo do Presidente da República como o soldado a quem o chefe mostra o caminho do dever. Venha servir ao Brasil que todos desejamos ver unido, íntegro, forte e respeitado. Peço a Deus que me dê fôrças para poder continuar a merecer a estima dos meus compatriotas no pôsto para mim demasiado alto e difícil em que acabo de ser colocado.

O novo Ministro tomou posse do seu cargo a 3 de dezembro. Organizou o seu gabinete e impeliu o Ministério a retomar a tradição da política exterior que o Brasil mantivera com firmeza durante o Império...
PALÁCIO
ITAMARATI

Sua primeira providência foi telegrafar ao Ministro do Exterior da Bolívia dizendo que estava resolvido a defender, por todos os meios, a vida dos brasileiros residentes no Acre...
Mande expedir o mais depressa possível.

No dia seguinte, um jornalista estampava artigo inflamado, assinalando a significação da presença de Rio Branco à frente do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.
Leia êste artigo! É sôbre a presença do Barão no Itamarati!
"Temos homem!" Título sugestivo! Trata-se de um grande brasileiro!

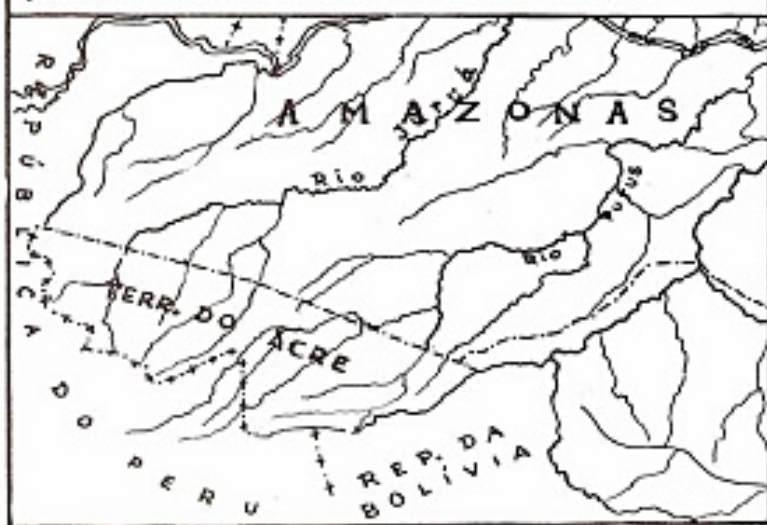
Após marchas e contramarchas diplomáticas, conseguiu o Brasil a desistência do "Bolivian Syndicate", pagando-lhe grande quantia em dinheiro. Restava agora acertar com a Bolívia as questões ainda pendentes a respeito da posse da região.
BRASIL
TERR. DO
ACRE
PERU
BOLÍVIA

A 17 de novembro de 1903, tendo chegado os dois países a um acôrdo honroso para ambas as partes, foi assinado o Tratado de Petrópolis, nosso mais importante ajuste diplomático desde a Independência. Nessa ocasião foi feita uma foto histórica, na qual aparece o Barão do Rio Branco em companhia de Assis Brasil e dos plenipotenciários bolivianos.

O Presidente Rodrigues Alves estava satisfeito...

Se o Congresso tivesse negado aprovação ao Tratado, eu teria renunciado à Presidencia da República.

Uma grande manifestação popular foi realizada no Itamarati, promovida por tôdas as classes sociais, na qual o grande poeta Olavo Bilac se tornou o porta-voz do país em sua saudação ao diplomata vitorioso...

Havia antiga divergência entre o Brasil e o Peru por questões de limite. Vinham se processando conflitos no Alto Juruá e no Alto Purus, concluindo o Barão do Rio Branco e o Ministro peruano um acôrdo que vinha atender aos problemas do momento, pois o tratado de limites só foi acertado mais tarde, em 1909.

Não confiava cegamente Rio Branco no processo de arbitragem, apesar de ter sido feliz em dois dêles. Preferia usá-los como último recurso. Deu-lhe razão o resultado do laudo proferido pelo Rei da Itália, Árbitro na questão do Brasil com a Güiana Inglêsa. Perdemos essa questão, conseguindo a Inglaterra infiltrar-se na Bacia Amazônica!

VÍTOR MANOEL III

REI DA ITÁLIA

Fôra Ministro e plenipotenciário do Brasil em Roma o diplomata Joaquim Nabuco...

Esta lição consiste em reconhecimento de que o arbitramento não é sempre eficaz. E vendo o inconveniente de fronteiras mal demarcadas, lembro a Vossa Excelência a necessidade de estabelecer definitivamente as fronteiras do Brasil com os seus vizinhos.

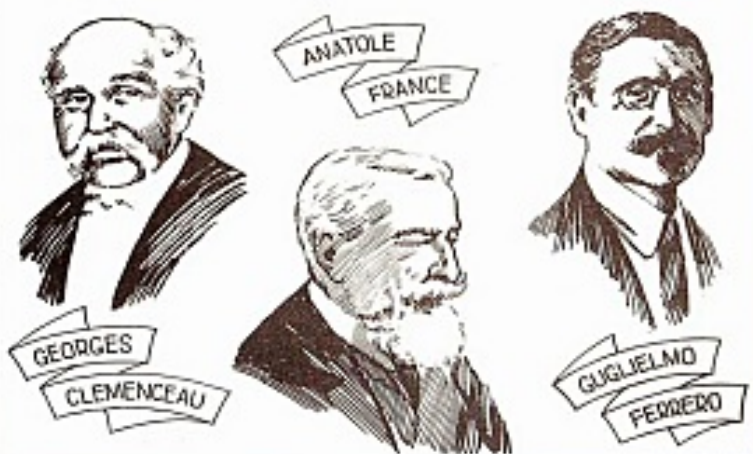
Algum tempo depois, Rio Branco abordava com o Presidente outro importante aspecto de nossas relações internacionais...
Senhor Presidente, por motivos econômicos e políticos, urge criar o Brasil sua Embaixada em Washington. Será a primeira a funcionar, e a que os Estados Unidos instalar no Rio de Janeiro será a primeira desta grande Nação na América do Sul.

Em janeiro de 1905, era Joaquim Nabuco nomeado Embaixador do Brasil em Washington...
A criação da Embaixada brasileira em Washington é um rasgo de audácia e inspiração, que abriu aos dois países novos e largos horizontes.

Deve-se, também, à atuação diplomática do Barão do Rio Branco, junto à Santa Sé, a escolha de D. Joaquim Arcoverde, Bispo do Rio de Janeiro, para o primeiro cardinalato da América do Sul.
CARDEAL
ARCOVERDE

A 23 de julho de 1906 reuniu-se, por iniciativa de Rio Branco, no Rio de Janeiro, a 3.ª Conferência Internacional Americana.
Tem por fim esta Conferência, que reúne em seu seio os mais distintos e ilustres estadistas, jurisconsultos e diplomatas, promover relações políticas mais íntimas, evitar conflitos e regular a solução amigável de divergências internacionais.

Juntamente com a amistosa visita do Presidente da Argentina, General Julio Roca, foi essa Conferência séria tentativa para harmonizar as relações do Brasil com os demais países americanos.
Senhor Presidente, o Brasil e a Argentina...
...continuarão unidos em fraternal amizade com as Nações das Américas!

Recebeu o Barão do Rio Branco, no Itamarati, grandes vultos europeus: Georges Clemenceau, Anatole France, Guglielmo Ferrero.

E todos voltavam encantados com a recepção e as homenagens prodigalizadas pelo Ministro.

Em 1906 assumiu o Govêrno o Presidente Afonso Pena, conservando na pasta das Relações Exteriores o Ministro Rio Branco...

Rio Branco mandou preparar para uso de Ruy Barbosa, na conferência, um amplo "dossier", com tratados, convenções, documentos, notas e todo material possível relativo ao assunto da reunião. Deu-lhe informações...

Vou apresentá-lo ao Barão de Selir, que talvez seja o melhor auxiliar seu no que respeita à própria Holanda e ao corpo diplomático de Haia.

A vitória de Ruy na Conferência de Haia foi completa. Ao voltar, procurou o Ministro Rio Branco...

Nunca poderíamos chegar ao resultado obtido se eu não contasse com a firmeza do seu apoio e o concurso de suas luzes, do seu zêlo e do seu patriotismo!

Em 1909, o Barão do Rio Branco terminara com as questões de limites...

Rio Branco residia em Petrópolis, na casa de Westfália, ou no próprio palácio Itamarati. Ainda hoje guarnecem as salas de nosso Ministério do Exterior inúmeros objetos da época do grande Ministro: quadros, retratos, relógios, etc.

Era afável e reservado, ao mesmo tempo. Não se expandia com ninguém sôbre os assuntos de sua intimidade...

Tinha amor a seus livros, suas obras raras, e às suas anotações...

Reuniu à sua volta, ou deu serviço, no Itamarati, aos mais prestigiosos intelectuais e artistas da sua época: Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Oliveira Lima, João Ribeiro, Sílvio Romero, José Veríssimo, Clóvis Bevilaqua, Domício da Gama, Graça Aranha, Aluízio Azevedo, Olavo Bilac, Pedro Américo...

Sua popularidade era imensa, considerando-o os brasileiros com simpatia e respeito...

A saúde do Barão do Rio Branco, sèriamente abalada, sofreu um golpe que lhe apressou a morte, por ocasião do bombardeamento da Bahia, a 10 de janeiro de 1912.

O Barão do Rio Branco, ao morrer, deixou sua obra concluída. Enfrentou com denôdo os grandes problemas de sua pasta, e a todos resolveu, um por um.

Sua figura inspirou aos brasileiros um verdadeiro culto: em sua sagacidade, muitas vêzes menosprezada, soube o homem do povo distinguir no estadista a vontade de servir à Pátria, o amor à sua grandeza, o respeito às suas tradições mais gloriosas e sagradas, principais virtudes de José Maria da Silva Paranhos Júnior. No Itamarati, que foi sua casa, vivem ainda as suas lições e os seus princípios.

FIM

Aos 55 anos, em companhia dos filhos Hortênsia, Maria Amélia, Raul e Paulo.

Aos 58 anos, por ocasião da assinatura do Tratado de Petrópolis (questão do Território do Acre, entre o Brasil e a Bolívia).

Relação de GRANDES FIGURAS

1 — RONDON
o Último Bandeirante

2 — OSWALDO CRUZ
o Saneador

3 — TAMANDARÉ
o Nelson Brasileiro

4 — RAPÔSO TAVARES
o Bandeirante

5 — ANCHIETA
o Catequista das Selvas

6 — OSÓRIO
o Leão do Herval

7 — CASTRO ALVES
o Poeta dos Escravos

8 — MACHADO DE ASSIS
o Estilista

9 — MAUÁ
O Pioneiro da Industrialização

10 — D. PEDRO II
o Magnânimo

11 — ALFERES SILVA XAVIER
o Tiradentes

12 — VISCONDE DE CAIRU
Economista e Patrono do Comércio

13 — CAXIAS
o Condestável

14 — BARÃO DO RIO BRANCO
o Grande Chanceler

15 — RUY BARBOSA
a Águia de Haia

16 — MONTEIRO LOBATO
o Amigo das Crianças

17 — GETÚLIO VARGAS
o Renovador

18 — PEDRO AMÉRICO
o Mago da Pintura

19 — JOSÉ BONIFÁCIO
o Patriarca

20 — SANTOS DUMONT
o Pai da Aviação

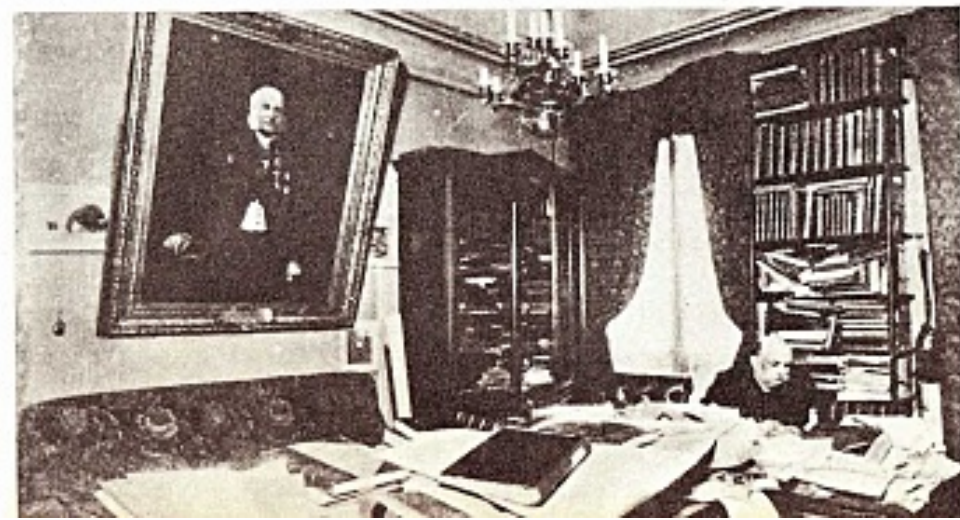
Aos 64 anos, como Ministro das Relações Exteriores do Brasil.

O Barão do Rio Branco em companhia de seu amigo, o grande médico brasileiro Dr. Hilário Gouveia.

A casa onde nasceu aquêle que seria o Barão do Rio Branco. Esta foto foi feita em abril de 1909 (Rio Branco era Ministro das Relações Exteriores), dias antes de ali ser inaugurada a placa comemorativa do nascimento de José Maria da Silva Paranhos Júnior.

Aos 67 anos, em um de seus últimos retratos.

Retrato a óleo do Barão do Rio Branco pintado por sua filha Clotilde.

O chapéu do Chile, bengalas e guarda-chuvas do Barão do Rio Branco.

O Barão do Rio Branco entre livros e papeis, em seu gabinete de trabalho, no Palácio do Itamarati. À parede, o retrato do Visconde do Rio Branco.

Brazão do Barão do Rio Branco.

FRONTEIRAS DO BRASIL — OBRA DIPLOMÁTICA DO BARÃO DO RIO BRANCO
AMAPÁ
1900
BRASIL
ACRE
1903
MISSÕES
1895
MONUMENTO AO BARÃO DO RIO BRANCO
(Esplanada do Castelo, Rio de Janeiro)
Assinalam-se em vermelho os territórios incorporados definitivamente ao Brasil pela ação diplomática do Barão do Rio Branco: 500.000 Km².